

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal do Brasil*

Class.: _____

Data: *26.10.78*

Pg.: _____

Juruna vai a Brasília para rebater acusações da Funai

JB 26.10.78

Brasília — "General não é mais que índio, tudo é a mesma carne; ele está falando mal de mim porque eu não quero esse negócio de emancipação — índio quer é sua terra e defesa contra os brancos que invadem suas reservas". O índio Mário Juruna, cacique xavante da aldeia de São Marcos, tem audiência hoje com o presidente da Funai, General Ismarth de Oliveira, para tomar satisfações.

O índio Juruna chegou ao Distrito Federal furioso, e disse que vai "tirar a limpo" as acusações que o presidente da Funai lhe fez: o General disse, em declarações recentes, que o cacique "não é nem índio nem branco", e criticou os donativos obtidos por ele junto às Embaixadas da Alemanha Ocidental e do Canadá.

Liderança

Mário Juruna acredita que o objetivo do General Ismarth de Oliveira é abalar sua liderança na tribo, para facilitar o trabalho do Governo na tentativa de convencer os índios a aceitarem o projeto de emancipação. "Mas não vai adiantar nada porque a tribo está comigo e contra a emancipação", garantiu o cacique.

"O General fica dizendo que eu estou pedindo esmola, mas foi ele mesmo que assinou uma declaração, no dia 27 de janeiro de 1977, em nome da Funai, me autorizando a obter, junto ao comércio em geral, doações para a comunidade indígena aldeia Namuncura", conta Juruna, apresentando uma cópia do documento.

A declaração do presidente da Funai diz ainda: "Esclareço que se trata de pessoa responsável e respeitada em sua aldeia, estando, portanto, credenciado para tal fim".

Para fazer novas críticas ao "Gene-

ral" (ele só se refere ao presidente da Funai assim), Juruna desliga seu gravador, e diz não ter medo de nada. Ao gravador que o celebrou ele acrescenta hoje uma pasta 007, completando seu "equipamento de andar nas terras dos brancos".

Na pasta, os documentos de um chefe preocupado com sua tribo: declarações feitas em reuniões de líderes indígenas, recortes de jornais com reportagens sobre problemas dos xavantes, promessas escritas em papel oficial e muitas reivindicações. Do lado de fora, uma fita adesiva: "Índio Mário Juruna, cacique xavante de São Marcos".

Funai responde

Em Manaus, o presidente da Funai respondeu às críticas ao projeto de emancipação indígena. Disse que em nenhum ponto se prevê a emancipação à força de comunidades tribais, e lembrou que no momento as tribos brasileiras não estão em condições de tentar a emancipação que, "de qualquer modo, não obedeceria a um processo tão simples quanto o que imaginam os críticos do projeto".

O General Ismarth de Araújo ressaltou que a minuta do projeto, preparada com a colaboração do antropólogo Roberto Cardoso — "uma das maiores autoridades brasileiras em assuntos relacionados a índios" — foi entregue, há meses, para exame e apresentação de sugestões, a outros antropólogos, mas estes não quiseram dar contribuições.

O presidente da Funai explicou que o processo de emancipação obedeceria a certos passos, a começar pelo requerimento da própria comunidade que manifeste o desejo de alcançar a nova condição. Uma comissão integrada por especialistas iria examinar, então, se ela estaria preparada para a transformação.